

Cursos e Seminários: na busca por novos enfoques:

Temos a possibilidade de ofertar dois cursos no próximo semestre: 1) Macroeconomia Comportamental e 2) Resiliência da Desigualdade segundo Piketty. Os dois cursos são importantes na formação de vocês. Podemos ofertar um deles no próximo semestre e outro no semestre seguinte. Depende de vocês.

Além desses ofertarei com certeza o curso sobre Keynes baseado no livro do Stephen Marglin – Raising Keynes 2. Na verdade será a segunda parte do livro que comecei a dar neste semestre. Haverá uma continuação no próximo semestre com um resumo do que já foi lecionado no atual.

Em anexo vocês podem ter uma ideia melhor da motivação desses cursos.

1) Macroeconomia Comportamental

Prezados alunos e colegas:

No ano que passou um texto me chamou muita atenção: Narrativa Econômica de Robert Shiller, AER 2017. Este sugere a importância das narrativas na divulgação das idéias e como estas são moldadas e por sua vez podem moldar a realidade econômica. De repente me dei conta de que o conhecimento é incompleto e que a construção da realidade através de narrativas podem dar sentido àquilo que de outra forma não entendíamos. Ao mesmo tempo a análise dessas nos ajuda a entender melhor vários fenômenos desde a grande depressão de 1929 como a popularização da curva de Laffer por exemplo.

Olhei para o lado e percebi que a macroeconomia estava em evolução em que as restrições cognitivas eram reconhecidas e as expectativas racionais passavam por outras formas de percepção como os sentimentos de Sims. De repente os axiomas passam a competir com os comportamentos dos agentes com todas as suas limitações.

As trajetórias de crescimento passam a depender de conhecimentos imperfeitos, quer na forma de sentimentos, quer na forma de miopias. Boa parte dos trabalhos recentes de macro e DSGE incorporam as fricções que trazem aproximações comportamentais (por exemplo Angeletos e Lian, 2016)

Só para lembrar alguns, o trabalho seminal de Mankiw e Reis baseia-se na introdução de ruídos de informação. Para ir mais fundo o trabalho de Laibson, traz a tona as possíveis inconsistências temporais de preferências que deixam de ser exponenciais no tempo para serem hipérbolos equiláteras. Se olharmos para trás vamos notar que as expectativas adaptativas são obviamente de natureza comportamental, assim como a formação de hábito. Para não falar de Keynes cuja natureza da função consumo expressa comportamento em cima de fatos estilizados para a alegria de Friedman que concebe o seu constructo de renda permanente. Se pensarmos em miopia podemos conceber que renda corrente pode ser uma visão míope da renda futura e permanente.

Resumindo estas noções que estavam presentes já faz algum tempo de repente voltam com muita força buscando dar coerência aos modelos que não tiveram tanto sucesso assim na crise de 2007/2008. Parece que a metodologia defendida por Friedman que prega a importância dos resultados mais do que do realismo das hipóteses está sofrendo fortes questionamentos.

Por último vale reler o artigo de Krugman que saiu no The New York Times Magazine, Sept. 2, 2009: <https://www.nytimes.com/2009/09/06/magazine/06Economic-t.html>

Artigo maravilhoso sobre a crise da macroeconomia, o debate entre os economistas de “água doce” com os economistas de “água salgada”, e a importância da teoria comportamental.

Esta é a razão que me faz propor este curso de Macroeconomia Comportamental onde vamos introduzir e discutir os conceitos básicos. Devo dizer que os principais departamentos de economia das universidades da Nova Inglaterra, Estados Unidos, estão desenvolvendo cursos nesta direção. Isto reflete a crescente produção acadêmica na área.

2) Resiliência da Desigualdade segundo Piketty

Na tentativa de se aproximar das ciências exatas, a teoria econômica dominante distanciou-se cada vez mais das ciências sociais. Em consequência, o desenvolvimento metodológico tornou-se cada vez mais axiomático distanciando-se da análise e estudo da realidade social.

Ao mesmo tempo, a ciência econômica afastou-se das grandes questões clássicas que são crescimento econômico e distribuição de renda. A macroeconomia, em particular, abandona os problemas estruturais de longo prazo e se concentra nas flutuações de curto prazo. A mudança de ótica é, em certo sentido, consistente uma vez que segundo a teoria econômica o mecanismo de mercado garante equilíbrio no longo prazo. Será mesmo?

Importa reconhecer que a macroeconomia parte de condições iniciais dadas. Sejam quais forem estas, o sistema apresenta uma trajetória de longo prazo equilibrada. As forças de mercado são soberanas. Mas as condições iniciais restringem e definem a própria trajetória de longo prazo da economia.

Na economia clássica, a macroeconomia entendia o sistema como composto por duas classes sociais, trabalhadores e capitalistas. Com o surgimento do paradigma neoclássico, essa distinção desaparece pois o que agora interessa entender são os mecanismos de escolhas nos mercados de bens e fatores de produção, que supostamente não dependem das classes sociais. A distribuição de renda é explicada pela produtividade e disponibilidade dos fatores de produção. A distribuição fundamental entre lucros e salários é entendida como resultante do equilíbrio dos mercados de bens e fatores.

Recentemente, novos paradigmas econômicos emergiram, em particular pela incapacidade dos modelos tradicionais de preverem a crise de 2007/8. A importância do comportamento “não racional” chamado de “economia comportamental” foi revigorado e emerge como alternativa ao pensamento axiomático. Contrapondo-se à hipótese do “agente representativo”, surgem também os modelos de “economias complexas - baseados no comportamento dos agentes”, que passam a merecer a atenção dos economistas. Contudo essas novas vertentes apesar de questionarem o modelo dominante ainda tem pouco para nos ensinar relativamente às trajetórias de crescimento e distribuição de período longo.

A questão da desigualdade tem sido entendida como resultante da oferta e demanda dos fatores de produção, capital e trabalho. O diferencial das taxas de retorno do capital humano e do capital produtivo, se mantém apesar dos mecanismos de mercado, e não conseguem reduzir as desigualdades em geral devido às imperfeições desses mercados. As condições históricas iniciais, que muitas vezes dependem das restrições institucionais são pouco enfatizadas.

No caso do Brasil, a distribuição inicial de terras, bem como o papel da escravidão recebem pouca atenção nas análises econômicas dominantes. Este referencial histórico deve ser

entendido como um importante elemento explicativo da manutenção da desigualdade de renda e do capital.

A pandemia, do “corona vírus” , no Brasil, tornou visível a desigualdade secular. O vírus atinge 5 vezes mais os pobres da periferia do que a classe média dos centros urbanos em consequência da precariedade do saneamento básico e habitação apropriada. A proporção dos marginalizados que perderam a sua renda e assustador, algo em torno de 30%.

Conforme o IBGE, em 2018, o grupo dos 10% mais pobres ficava com 0.8% da renda enquanto os 10% mais ricos recebia 43% da renda total. A comparação da renda das famílias que estão no topo da distribuição, os 1% trabalhadores mais ricos recebem uma renda 38 vezes maior do que os 50% mais pobres da população. A concentração de renda é notória.

Não resta dúvida que o sistema capitalista mundial foi bem-sucedido em favorecer o crescimento da produção e da produtividade. Entretanto o que torna o sistema capitalista sustentável e a capacidade de o capital compartilhar os ganhos com o resto da sociedade. Uma economia em que os ricos ficam cada vez mais ricos pelo aumento da produtividade e da sua riqueza sem que haja distribuição desses ganhos para o resto do sistema em particular para os que estão na base da pirâmide distributiva se torna insustentável. Nesse sentido, as forças de mercado tem sido incapazes de garantir a sustentabilidade da sociedade. A sobrevivência das classes de renda baixa e permanentemente ameaçada, enquanto a acumulação dos mais ricos cada vez maior.

Portanto, é urgente repensar as políticas públicas fora do arcabouço liberal. O momento é de recuperarmos as questões maiores da economia política clássica. É fundamental voltarmos aos objetivos de estudar a distribuição da renda e da riqueza no longo prazo. Neste sentido nada mais apropriado do que estudar a obra de Piketty, este economista francês formado nas principais escolas de economia e que se rebelou contra os cânones axiomáticos da ciência e partiu para um monumental estudo empírico sobre a distribuição da renda e da riqueza cuja base é o capital.

A nossa proposta é oferecer um curso que forneça material empírico e analítico para começar a entender as raízes das desigualdades mundiais e em particular no Brasil. Para tanto vamos utilizar o livro “O Capital no séc. XXI” e material complementar, na forma de debates, para que os estudantes possam compreender melhor os limites da sustentabilidade do capitalismo no longo prazo.

Algumas perguntas que interessam:

- Como a dinâmica do capital afeta a distribuição.
- Porque o crescimento é contido a algumas regiões do mundo.
- O que torna o crescimento sustentável.
- Em que sentido as instituições são fundamentais para explicar as diferenças entre a trajetória das diferentes regiões.
- O que permite que a renda do capital não aumente cada vez mais.
- Existem fatores de convergência? Quais são?

Revisitando a Macroeconomia Keynesiana

Joaquim Andrade – Outubro de 2021

Recentemente Steve Marglin retomou a sua preocupação original com Keynes de onde surgiu o livro: Raising Keynes publicado recentemente. Não pude deixar passar a oportunidade de discutir as contribuições de Keynes não apenas do ponto de vista de política econômica mas também do ponto de vista teórico. E Steve levanta os pontos principais. Talvez o ponto principal seja a ideia de que não há mecanismo de mercado que leve ao equilíbrio de pleno emprego. Esta foi a ideia principal de Keynes e representava um desafio a teoria econômica pois sugeria que a mão invisível do mercado não era suficiente para garantir o pleno emprego. Em outras palavras não há como provar teoricamente nem empiricamente que a economia converge para o pleno emprego. Na verdade há uma indeterminação que pode depender da demanda efetiva. Esta por sua vez é função dos "animal spirits". Cabe ao Banco Central e ao Governo usar a política monetária e fiscal de maneira a se atingir o pleno emprego. A chamada síntese neoclássica que supõe a convergência para o pleno emprego no longo prazo onde o mecanismo de preços passa a funcionar e axiomática e carece de uma análise de estabilidade rigorosa. Não há um processo de ajustamento dinâmico no tempo real que tenha sido postulado pela teoria econômica dominante. No máximo o que há é uma análise de estática comparativa. A ideia do curso é trazer estes dilemas metodológicos para uma linguagem compatível com a teoria dominante.

Syllabus

1. O que é "Mainstream Economics"? Qual foi a crítica de Keynes?

- A Grande Depressão (1929-1941) e a Grande Recessão (2008-?)
- Visão geral de Keynes
- É necessária esta Ressurreição?
- A Economia é Auto Reguladora? Porque a Economia não chega no Pleno Emprego?
- O Governo pode Estimular a Economia?
- Como o Nível de Preços é Determinado?
- Perspectivas na Macroeconomia: Monetaristas, Novos Clássicos e Novos e Velhos Keynesianos

2. O Argumento Ambíguo da Teoria Geral

- Contra Crítica
- O que é Moeda? É Fixada Fora do Sistema (Exógena) ou Criada Dentro (Endógena)?

3. A Teoria Geral Sem Preços e Salários Rígidos

- O Mecanismo de Preço: Evangelhos de Acordo com Marshall e Walras.
- Um Modelo para o capítulo 19 da Teoria Geral.

4. Elementos Básicos da Teoria Geral

- A Propensão a Consumir
- Demanda por Investimento
- Taxa de Juros
- Uma Interpretação alternativa

- Preferencia pela Liquidez
- Uma Vez Mais: O Que é Moeda?

5. Política Monetária e Seus Limites

6. A Crise de 2008 e Além